



ESTADOS UNIDOS

Pai de aluno morto em massacre confronta Biden

Em discurso na Casa Branca, presidente alertou que violência transforma bairros do país em "campos de extermínio" e pediu a proibição das armas de assalto. Horas depois de ser expulso por seguranças, Manuel Oliver falou ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

Fotos: Chip Somodevilla/Getty Images/AFP



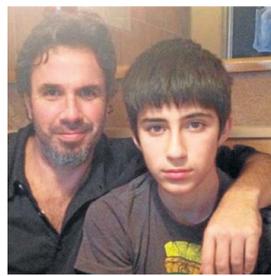
Manuel Oliver, 55 anos, aposta que Joaquín deve estar "muito orgulhoso" dele. Às 11h20 de ontem (12h20 em Brasília), o pai do rapaz de 17 anos assassinado no massacre da Escola de Ensino Médio Stoneman Douglas, em Parkland (Flórida), em 14 de fevereiro de 2018, confrontou Joe Biden. O presidente dos Estados Unidos discursava no Gramado Sul da Casa Branca, diante de ativistas e de familiares de vítimas da violência armada, quando foi interrompido por Manuel. "Sente-se, você escutará o que tenho a dizer. Se você acha...", reagiu o líder democrata. "Eu venho tentando te dizer isso há anos. O senhor tem que fazer mais", respondeu Manuel. "Deixe-me terminar meu comentário", pediu Biden.

O pai de Joaquín foi escoltado por seguranças para fora da Casa Branca. Em seu pronunciamento sobre a legislação bipartidária sobre controle de armas promulgada em 25 de junho, Biden voltou a pedir o fim do comércio de armas semiautomáticas de alta potência. "Estou decidido a voltar a proibir estas armas... Não vou parar até conseguir", afirmou. O presidente enfrenta o pior momento político: o índice de popularidade é de apenas 33%, e 64% dos integrantes do Partido Democrata pedem que ele desista de tentar a reeleição, em 2024, segundo pesquisa do jornal *The New York Times*.

No discurso, Biden voltou a citar os "campos de extermínio", ao fazer alusão aos tiroteios que assolam os EUA. "Nos últimos anos, nossas escolas, lugares de culto, centros de trabalho, lojas, festivais de música, discotecas e tantos outros

locais cotidianos se transformaram em campos de extermínio", lamentou. "Os bairros e as ruas também se transformaram em campos de extermínio", acrescentou.

Cerca de oito horas depois de ser retirado da Casa Branca, Manuel Oliver falou ao **Correio**. "Em nenhum momento me sinto ofendido por ter sido expulso. Não foi a primeira vez nem será a última. Creio que Biden tem todo o direito de fazê-lo. Posso ter extrapolado o protocolo do evento, mas não quer dizer que eu não tenha razão em querer dizer o que sinto e em ser direto", afirmou, por telefone. "O fato de tantas pessoas terem aplaudido o que falei mostra que muita gente está em sintonia com o que eu e minha esposa, Patricia Oliver, fazemos. Fiquei muito grato em saber que não estou sozinho."



Mais de 45 mil pessoas morrem por ano nos EUA, vítimas das armas. Isso é uma enorme perda para o meu país"

Manuel Oliver, pai de Joaquín Oliver, morto aos 17 anos em tiroteio na escola de Parkland (Flórida). Na foto acima, ele interrompe o pronunciamento do democrata

Intenções

Para Manuel, Biden tem intenções muito boas em relação ao tema dos tiroteios em massa. "Nós nos conhecemos pessoalmente. Em mais de uma ocasião, falamos da necessidade de que eu faça o meu trabalho e ele, o dele. Quando eu o interrompi, hoje (ontem), foi com a intenção de fazê-lo ver que falta muito a ser feito e que não podemos nos enganar, enquanto país, que resolveremos um problema", disse o pai de Joaquín. "Aceitar

essa legislação e colocar em risco o imenso movimento contra a violência armada nos EUA e sua capacidade de levar a mudanças é um preço que não pagarei", acrescentou. Ele garante que não se arrepende do que falou a Biden. "Minha petição foi muito clara: eu simplesmente pedi a ele que abra um escritório, dentro da Casa Branca, que mostre a intenção do governo Biden de tratar o assunto com seriedade", disse Manuel.

Ainda de acordo com ele, o Estado tem a obrigação de zelar pela

segurança de seus cidadãos, e o escritório buscaria cumprir com esse papel. "Mais de 45 mil pessoas morrem por ano nos Estados Unidos, vítimas das armas. Isso é uma enorme perda para o meu país. Desde o assassinato de Joaquín, mais de 250 mil pessoas morreram em consequência da violência armada", comentou. Manuel acha que, apesar de expressar boas intenções e muita experiência política, Biden tem as mãos atadas pelo sistema. "Concordo que a eliminação das armas de assalto do

Diante de familiares de vítimas e de ativistas, Biden elogia a legislação bipartidária contra armas como a mais importante em três décadas

mercado civil é algo bastante importante. O presidente mencionou isso depois que fui expulso, eu não estava lá. Mas ele não citou a necessidade de um escritório que se encarregue disso. Estou aberto a me reunir com o presidente."

O homem que interrompeu o discurso de Biden para cobrar mudanças cuida para que as emoções não contaminem a razão. "Tenho a minha dor pela perda do Joaquín. Não quero deixar de tê-la, pois ela me motiva a fazer muitas coisas. Mas tomo o cuidado para que as emoções não me forcem a ser incoerente. O que aconteceu hoje (ontem) na Casa Branca foi em reação a uma necessidade de mudança, não um resultado da minha dor. Creio que Joaquín faria o mesmo que eu e Patricia, minha esposa, se nós estivéssemos no lugar dele."

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Putin facilita cidadania russa aos ucranianos

Um decreto publicado, ontem, pelo presidente russo, Vladimir Putin, foi rejeitado pelo governo de Volodymyr Zelensky e visto por especialistas baseados em Kiev como uma tentativa de Moscou de ampliar o controle indireto sobre a ex-república soviética. "Declaro que os cidadãos da Ucrânia, da República Popular de Donetsk (DPR) ou da República Popular de Luhansk (LPR), e pessoas sem cidadania permanente vivendo na DPR, na LPR ou na Ucrânia (...) têm o direito de apelar pela admissão à cidadania da Federação Russa por meio de procedimento simplificado", afirma o documento. O Ministério das Relações Exteriores ucraniano denunciou "mais uma invasão à soberania e à integridade territorial da Ucrânia, incompatível com as normas e os princípios do direito internacional". Também ontem, o Estado-Maior ucraniano informou ter indícios de que as "unidades inimigas" planejam intensificar as operações de combate em direção a Kramatorsk e Bakhmut". As duas cidades, situadas no leste, ainda estão sob poder de Kiev.

Prefeito de Kramatorsk — onde um míssil russo matou 50 civis e feriu 98, na estação ferroviária, em 8 de abril —, Oleksandr Honcharenko considera impensável um cidadão ucraniano se naturalizar russo. "Eles (russos) são assassinos. O que podem os nossos cidadãos esperar deles?"

Miguel Medina/AFP



Moradora de Chasiv Yar (leste), mostra o lar destruído por míssil

Ser um assassino, como eles o são? Os ucranianos não são assassinos, e jamais o serão!", desabafou ao **Correio**, por meio do WhatsApp. Sobre a ameaça de ocupação russa contra Kramatorsk, ele confirmou a notícia. "Nós fazemos o nosso trabalho e fazemos o que temos de fazer", disse, ao ser questionado sobre como a cidade se prepara para enfrentar o ataque.

"Antes de qualquer coisa, isso é uma provocação em larga escala de Moscou. Esse decreto está alinhado às medidas tomadas por Putin antes mesmo da guerra. Ele não considera o direito da Ucrânia de usufruir da soberania, enquanto nação",

explicou à reportagem Peter Zalmayev, diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative (em Kiev). "Putin considera a Ucrânia e os ucranianos como parte do mundo russo ou Russkiy mir, como ele chama", acrescentou. O estu-dioso não acredita que o decreto surtirá em implicações práticas, além da natureza provocativa, apesar de reconhecer que, na cidade de Kherson (sul), 25 ucranianos pediram o passaporte russo. "É uma provocação, um show, sem muito efeito prático."

Ex-assessor do presidente do Parlamento, o cientista político Mykola Volkyvskyi lembrou que um decreto similar tinha sido firmado por Putin, em 25 de

maio, o qual simplificava a cidadania russa apenas para as regiões de Kherson (sul) e Zaporizhzhia (sudeste). "Isso é a continuação do plano do Kremlin para tomar terras ucranianas e destruir o nosso Estado", desabafou ao **Correio**. Ele destaca que o passaporte russo a cidadãos da Ucrânia não terá consequências legais no país. "Estou certo de que podemos esperar forte reação de nossos parceiros ocidentais. Também vejo como urgentes o fornecimento de armas mais pesadas e a introdução de novas sanções econômicas contra a Rússia."

Bombardeios

Ontem, Moscou manteve os bombardeios a Kharkiv — a segunda maior cidade do país, situada no nordeste. Segundo Oleg Synyegouov, governador regional da cidade, os mísseis atingiram "edifícios civis — um centro comercial e condomínios residenciais". As autoridades locais informaram 31 feridos, incluindo duas crianças, de 4 e de 16 anos. Seis civis, entre eles um jovem de 17 e seu pai, foram mortos. Na região de Donetsk, no leste da Ucrânia, o balanço de mortos em um prédio de Chasiv Yar subiu para 31. Bombeiros corriam contra o tempo para encontrar sobreviventes. Pela manhã, eles contaram ter escutado vozes sob os escombros. (RC)

Voices da Ucrânia

Fotos: Arquivo pessoal



OLEKSANDR HONCHARENKO, prefeito de Kramatorsk (leste), onde míssil russo matou 50 em estação ferroviária, em 8 de abril

"Desde o início do ataque das forças da Rússia contra a Ucrânia, milhões de cidadãos russos deixaram seu país, muitos deles mudaram sua cidadania, inclusive para a ucraniana. Acho que esse é um exemplo vívido da atitude do povo em relação à cidadania russa. Acho que não é factível um ucraniano adquirir cidadania russa exatamente depois do que os ocupantes fizeram a nós."

Arquivo pessoal



GLIB MAZEPA, 35 anos, pós-doutorando em biologia evolucionária, morador de Kharkiv (leste)

"Putin se prepara para uma anexação da Ucrânia. Eu tenho orgulho de ser ucraniano e não me importo com esse decreto de Putin. Ele já perdeu a guerra. Esses planos de facilitar a concessão de cidadania russa aos ucranianos existiam antes mesmo de ele lançar a invasão. Os russos não avançarão mais do que fizeram até agora. Duvido que eles consigam anunciar uma eventual anexação."

Arquivo pessoal



YEVHEN KIZILOV, 46 anos, jornalista, morador de Bucha (a 15km de Kiev), cujo pai foi executado durante o massacre que deixou cerca de mil mortos, em março

"Putin tem a certeza de que muitos ucranianos estariam ansiosos para se tornarem russos. Mas ele está errado. Não, não estamos ansiosos. Acho que os ucranianos não seriam estúpidos a ponto de obterem passaportes russos. Quem quer ser cidadão de uma país sob sanções tão estritas?"